

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 85	Preço da assignatura por mez	Para a Côte 1\$500 Para as Provincias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

XXIII

RM HOMEM DE MÁ CARA

(Continuação.)

— Oh! senhor! disse o desconhecido com voz rouca, chame o seu cão, ou eu lhe quebro as costellas.

— Cesse de ameaçar, que o cão não lhe fará mal....

— Chame-o, em todo o caso...

— Isso é outra cousa... Aqui Felpudo! aqui... já!

Felpudo obedeceu e veio postar-se atrás de seu senhor, mas sempre inquieto, sempre rosnando, de olhos acesos e dentes á mostra.

— Vê-se, continuou Nicasio rindo-se, que o senhor não gosta dos cães, e deve concordar que elles lhe pagam na mesma moeda!... é o que se póde chamar sympathia na antipathia!... é exquisitissimo!...

Assim fallando, o mascate tinha transposto a distancia que o separava do individuo, em frente ao qual parára.

Um olhar lançado áquelle homem explicou facilmente a Nicasio a instinctiva repulsa do intelligente animal.

Talvez o individuo em questão não tivesse mais do que sessenta e cinco ou sessenta e seis annos; era, porém, completamente impossivel fixar uma idade certa áquelle rosto devastado, abatido, hediondo.

Um chapéo rôto, posto ao lado na relva, não escondia naquella occasião a horrivel nudez do seu craneo.

Esse craneo, pellado em varios logares, tinha estranha vegetação capillar.

Eram cabellos ou antes erinas mescladas de vermelho e grisalho, raras, duras, herissadas, e cortadas á escovinha.

O resto era repellente.

Os traços daquelle semblante deviam ter sido outr'ora accentuados; póde-se, porém, dizer, sem exaggeração, que verdadeiramente esses traços já não existiam.

Amassados, mirrados, esmagados, offereciam um chaos sem nome, uma cousa estranha e horrivel em que se encontrava apenas o semblante humano, — essa obra — prima de Deus que o fez á sua imagem.

Sobrancelhas não havia.

No lugar que ellas haviam occupado via-se uma excrecencia avermelhada.

Olhos vidracentos, sem expressão, sem olhar, cobertos de uma pelle flacida na parte superior, deixando vêr, em baixo, uma palpebra revirada e sangrenta.

A um e outro lado do rosto pendiam, como belfas de um macaco, uma carne molle e enrugada.

As cartilagens do nariz tinham sido roidas por molestias cujos estygmas estavam impressos naquella fronte.

O melhor que podemos fazer é seguramente nos abstermos de qualquer descripção fallando-lhe da boca.

Pelo resto adivinha-se o que era ella.

Digamos unicamente que o tubo de um cachimbo curto fizera já sua cama entre os dous unicos dentes que restavam naquella boca.

Uma barba grisalha e ruiva, que havia um mez que não via navalha, cobria toda a parte inferior do rosto.

Um pedaço de fazenda outr'ora preta, torcida como uma corda, fazia as vezes de gravata em torno de um longo pescoço côr de tijolo, mais enrugado ainda que o de um Perú.

Esse individuo, repetimo-l'o, estava encostado á escarpa.

Suas compridas pernas, estendidas para a frente, tapavam de algum modo o caminho.

O seu vestuario e a sua apparencia estavam em perfeita harmonia. Trajava elle uma blusa azul, rasgada em cima, esfarrapada em baixo. Essa blusa

cahia-lhe sobre uma velha calça vermelha, vendida por algum soldado desertor ou escuso do serviço.

Grandes remendos, escuros e quadrados, substituíam nos joelhos o panno primitivo.

O individuo desprezava inteiramente o luxo das ceroulas e das meias. — A calça regaçada até meia perna deixava vêr, um pouco acima de um dos tornozellos, um circulo estreito, azulado e livido.

Tinha os pés calçados em sapatos de sola grossa constelladas de enormes pregos.

Empunhava na mão direita o pesado bastão com que acabava de ameaçar o cão do mascate.

— Ora aqui está um sujeito que não tem boa cara! pensou Nicasio.

E, alçando a voz:

— Então, meu amigo, continuou, que está fazendo aqui, desse modo?...

— Faço o que me apraz, respondeu o homem com a sua voz rouca e aspera. Supponho que nesta terra cada qual é senhor de si.

— Sem duvida! tornou Nicasio; o lugar que o amigo occupa é tanto seu como meu, não sou policial para exigir os seus papeis, e teria passado sem parar se não fossem as suas desavenças com Felpudo...

O cão ouviu que seu senhor lhe pronunciava o nome, e rosnou surdamente.

— Está bom! boca calada! disse-lhe Nicasio. Mas, palavra de honra! nunca vi o meu cão assim!...

E, dirigindo-se ao desconhecido, continuou:

— Nós imos proseguir no nosso caminho, Felpudo e eu... Adeus, amigo, passe bem!

E, levando a mão ao chapéo, ia tomar novamente o seu caminho.

— Um momento! disse-lhe o homem de má cara, detendo-o com um gesto.

— Deseja de mim alguma cousa?

— Desejo.

— Nesse caso, diga em que é que posso servil-o.

— Desejava que me dêsse um pouco de fogo para acender o meu cachimbo...

— Fogo?... Oh! isso não se nega a ninguém...

E Nicasio, ferindo o seu fuzil, apresentou ao homem um pouco de isca acesa.

Obrigado, resmuneou este ultimo, aspirando uma enorme baforada.

Quer mais alguma cousa?... Peça, não faça ceremonias...

O individuo tinha visto pendurado ao lado do mascate um pichel.

— E' aguardente que o senhor tem ahi? perguntou.

— E'.

— Poderia dar-me algumas gottas... pagando eu, está entendido?...

— Não ponho duvida em dar-lhe um golle, e de graça,—mas é que não sei em que deital-a...

— Eu beberei mesmo pelo pichel.

Nicasio fez um movimento de asco.

— Oh! quanto a asseio, tornou elle, eu sou como uma gata; — no meu pichel só eu ponho a boca... Mas espere, occorre-me uma idéa...

O mascate trazia por baixo da blusa um saquinho cheio de conchas communs, que lhe davam nas aldeias maritimas da Vendéa e da Bretanha, e que elle distribuia pelas crianças nas herdades da Turenna e do Anjou.

Abrio o saquinho e delle tirou uma grande e funda concha de S. Jacques.

— Aqui temos o necessario, disse.

E deitou na concha uma porção de aguardente, que o homem virou de um trago, com manifesta voluptuosidade.

— Ah! murmurou depois o sugeito, isto faz bem!...as minhas velhas pernas já não tinham forças para sustentar o meu pobre corpo...você é um bom diabo, Sr. mascate, vale melhor que o seu cão.

— Obrigado, disse Nicasio, rindo-se; — agradeço-lhe a intenção do comprimento, embora Felpudo seja um excellente animal!...E agora, como ainda tenho de andar um bom pedaço de caminho, e quero chegar antes da noite, adeus, meu amigo...

XXIV

O COMPANHEIRO DE VIAGEM

Nicasio deu um passo para se afastar.

O individuo deteve-o com o gesto novamente: poz na cabeça o seu chapéo sem fundo, apoiou-se com ambas as mãos á escarpa, e, graças a violento esforço, conseguiu levantar-se.

Em pé parecia ainda mais alto que sentado.

A sua magreza era prodigiosa; os hombros se lhe abobadavam levemente, elle parecia em extremo debilitado e as suas compridas pernas tremiam vacillantes.

Quem o visse assim, apoiando-se ao bastão para não cair, ter-lhe-hia dado oitenta annos de idade.

— Ao que parece, disse Nicasio, o amigo já descansou?...

— Já, e como vou para o mesmo lado, caminharémos juntos um bocado...

Os labios do mascate desenharam uma pronunciada careta.

A companhia do horrendo velho não se lhe augurava agradável.

Mas reflectiu logo que, quando mesmo tivesse de haver-se com um bandido, esse bandido não seria perigoso para elle.

Em primeiro lugar, Nicasio era mais forte do que aquelle homem decrepito e vacillante, e depois tinha elle Felpudo, que o defenderia.

O mascate limitou-se, pois, a responder:

— Penso que não caminharémos ao lado um do outro...

— E porque?

— E' que eu caminho mais depressa tres vezes do que o amigo...

— Acha que sim?

— Ao menos, parece-me...

— E' porque o senhor não me conhece... As pernas não valem nada, é verdade, mas são compridas... Daqui a cinco minutos, quando eu esquentar e começar a abrir o meu compasso, talvez seja o senhor que tenha dificuldade em seguir-me...

— Oh! quero vêr isso! disse Nicasio.

— Pois verá.

— Então, a caminho!...

E o mascate seguiu com o velho.

Parecia a Nicasio que o homem illudia-se singularmente quando fazia allusão aos recursos dos seus ossos e dos seus musculos dormentes.

Os seus movimentos eram vagarosos e difficeis como os de um paralytico.

Além disso, arrastava elle notavelmente a perna direita, — aquella precisamente cujo tornozello era cingido por um circulo livido.

E' sabido que o habito de arrastar a pesada corrente das galés dá aos condemnados esse cacoete nervoso que os acompanha a vida inteira.

Nicasio, porém, não era grande observador.

Não tinha feito reparo no circulo azulado do tornozello do homem; o cacoete nervoso não lhe attrahiu tambem a attenção.

Unicamente, exhibiu elle o seu relógio de prata, — redondo em todos os sentidos, e disse consigo:

— Ha dous minutos que estamos caminhando... daqui a tres minutos deixo atraz este pobre diabo! — Deus me perdôe, mas da maneira por que elle vai, poderá andar uma legua por dia!...

Entretanto o individuo não se gabára.

Antes de expirados os cinco minutos por elle fixados, as suas articulações ankylosadas tinham recuperado a elasticidade antiga.

Para nos servirmos da sua expressão, abria elle e fechava com sorprendedora rapidez o compasso de suas compridas pernas, que pareciam devorar o espaço.

— Diabo! exclamou Nicasio, pondo-se, com diffculdade, ao nivel daquelle passo gigantesco. Diabo! como você caminha ligeiro, camarada!

A voz rouquenha do desconhecido tomou uma expressão ironica para perguntar:

— Quer que eu demore a marcha?

— Oh! não!... ainda que eu perca o folego, hei de seguir-o!...

O velho, não obstante, demorou o passo.

E a conversação travou-se.

— O camarada vem de muito longe? perguntou Nicasio.

— Venho das proximidades de Bordeos, respondeu o desconhecido.

— E' cá da terra?

— Não... mas já estive aqui antigamente, e conheço varias pessoas.

— Em Tours, talvez?...

— Não... no campo... em uma aldeia que se chama Vezay...

— Ah! exclamou Nicasio.

O velho cravou no mascate o olhar vitreo de suas palpebras vermelhas.

E disse:

— O senhor conhece essa aldeia?

— Se conheço essa aldeia?... que duvida!... eu sou de lá.

O velho estremeceu.

— E' de Vezay? murmurou elle.

— Quasi de nascimento...

— Como quasi?

— Digo quasi, porque não sei ao certo se foi precisamente em Vezay que vim ao mundo, mas foi lá que me apanharam em um fôssô á beira da estrada. — Sou um engeitado, meu velho, — e fiz-me homem á minha custa...

— Como se chama?

— Nicasio. — Porque me chamo Nicasio não sei... O velho teria mudado de côr, — se isso fôsse cousa possivel com uma epiderma semelhante á sua.

— Nicasio! repetiu elle.

— Conhece acaso esse nome?

— E' a primeira vez que o ouço.

— Ha quanto tempo esteve o amigo em Vezay?

— Ha vinte e quatro ou vinte e cinco annos.

— Ha vinte e cinco annos eu era um pirralho... e, embora não seja grande presentemente, nessa epocha nem chegava á altura do meu joelho... E que amigos tinha o senhor no aldeia?

— Um criado do castello.

— Os criados do castello são todos meus camaradas, talvez o seu amigo lá esteja ainda, e eu lhe possa dar noticias delle... O que era elle, e como se chamava?

— Era couteiro e se chamava Caillouet.

Nicasio bateu uma palmada nas mãos.

— Ah! exclamou elle; eis o que é acaso!... quem me diria esta manhã que eu ouviria á tardinha fallar no excellente Caillouet!

— Conhece-o?..

— Conhecia-o, e muito. — Foi elle quem me deu os tres primeiros escudos que possui em minha vida. Os meus *trezentos soldos*, como eu dizia então! — Ah! os trezentos soldos procrearam bastante!...

— Caillouet vive ainda, e continúa ao serviço do conde... do conde...?

— De Vezay? concluiu Nicasio

— Justamente.

— Bem habil seria a pessoa que lhe dissesse se Caillouet ainda é vivo...

— Porque?

— Porque sumiu-se uma bella noite, ha vinte annos, e porque, desde então, ninguem ouviu mais fallar nelle.

— Devéras?...

— Devéras, sim.

— Sumiu-se!... Mas por que motivo?

— Nunca se soube.

— Nem se desconfiou?

— Nem se desconfiou.

— Eis o que me contraria... esperava encontral-o.

— Não pense em tal.

— Era casado na epocha em que sumiu-se?

— Era.

— E sua mulher? que é feito della?

Nicasio não respondeu logo.

Começou por enchugar os cantos dos olhos com a manga da blusa.

— Sua mulher... disse depois em tom compungido; pobre Suzana!... morreu....

Um tremor dos musculos da face se manifestou no velho.

Esse tremor, porém, foi passageiro.

— Ah! morreu!... repetiu elle.

— E' como lhe estou dizendo... e isso prova que a mocidade e a formosura não nos impedem de morrer... — pobre Suzana!...

— Ha que tempo morreu ella?

— Vinte annos, — justamente dous dias depois da partida de Caillouet. — Lembra-me como se fôsse ontem... Eu estava presente na cabana, — vi a pobre mulher exhalar o ultimo suspiro, e ouvi o primeiro vagido da criança que acabava de nascer...

— Sua filha? perguntou o velho.

— Sim, uma bonita menina.

— Que, sem duvida, morreu tambem?...

— Ah! quanto a isso, não!

— A menina viveu?

— Viveu, e cresceu e ficou lindissima!... Actualmente é bella como a luz do sol!...

— Que faz ella?

— Nada absolutamente. — é uma *senhora*... vive dos seus rendimentos...

— A filha de Caillouet?...que está me dizendo?

— Oh! não é natural, convenho, mas é a verdade! Muito sorprendido ficaria Caillouet, se voltasse agora, ao encontrar sua filha em um castello e millionaria!.. sorprendido e satisfeito.

— Um castello!..milliouaria!.. — O senhor está a zombar de mim?...

— Palavra que não, e, visto que é necessario pôr os pontos nos *ii*, dir-lhe-hei que a Sra. Joanna Caillouet é proprietaria do dominio e do castello de Thil-Châtel, a duas leguas daqui; e é justamente para lá que me dirijo, á casa da Sra. Joanna, que me comprará sem regatear tudo quanto levo na canastra, e nada o impedirá de vêr com os seus proprios olhos se digo ou não a verdade...

— Isso é um conto de fadas! murmurou o velho.

— Parece.

— Mas como adquiriu a filha do couteiro semelhante riqueza?

— Por herança.

— Que herança?

— Não se sabe. — Aconteceu-lhe isto quando ella estava no internato em Pariz, — ha muito tempo; — tinha a pequena uns nove ou dez annos...

O companheiro de viagem de Nicasio absorveu-se em longo silencio.

O mascate, vendo a conversação interrompida, pôz-se a trautear uma das coplas de sua canção, para entreter a voz.

No momento em que executava, na repetição do ultimo verso, uma brilhante *fioritura*, o homem da cara feia ergueu a cabeça e perguntou:

— E o Sr. de Vezay?...

— O Sr. de Vezay? repetiu o mascate; que tem elle?

— Não sahio cá da terra?

— Não.

— Deve estar velho...?

— Pouco mais de sessenta annos, creio eu, mas muito alquebrado, muito... Quasi que já não caça, e já não póde montar a cavallo...

— Quando conheci Caillouet, o conde não tinha filhos... Teve-os depois?

— Teve.

— Rapaz ou menina?

— Uma menina, a Sra. Magdalena... um bonito anjo do céu...

— Seu pai estima-a?

— Que pergunta!

— Responda.

— Se elle a estima?... e como não havia de estimar-a?... seria o unico em toda esta redondeza... Estima-a, sim! adora-a, póde jurar-o!

— Ah! murmurou simplesmente o velho.

— Dir-se-hia que isto lhe causa admiração...?

— A mim?... e por-que?... E' muito natural que um pai estime sua filha, penso eu...

— Sobretudo quando é uma filha como aquella!... O marido da Sra. Magdalena ha de ser um homem bem feliz!...

— O marido?

— Quero dizer, o noivo... pois é tal qual, — o casamento vai se fazer, se é que já não se fez, o que me parece muito possivel, pois ha cerca de quatro mezes que não venho para estas bandas, e em quatro mezes muitas cousas acontecem...

— E quem é esse marido ou esse noivo?

— Um moço dos arredores, um fidalgo proprietario, — bonito rapagão! franco, amavel, delicado!... palavra, merece aquella felicidade!

— Como é que elle se chama?... creio que ainda não m'o disse...

— E' justo, não lh'o disse ainda... chama-se o visconde Luciano de Villedieu...

Desta vez não foi com uma exclamação surda, com um gesto ou com um estremecimento que o desconhecido manifestou a sua surpresa.

Um verdadeiro grito de espanto escapou-se-lhe do peito.

Nicasio olhou para elle admirado.

— Que tem o camarada? perguntou-lhe; é sujeito a esses accessos?

— Ouvi mal, murmurou o velho. Qual foi o nome que pronunciou?...

— Pronunciei o nome do visconde Luciano de Villedieu.

— O filho de um Sr. Armando de Villedieu, que era amigo do conde de Vezay?

— Justamente!... Seu pai afogou-se no Loire, ha vinte annos, em uma noite de tempestade...

— E diz o amigo que o filho do Sr. de Villedieu vai casar-se com a filha do conde de Vezay?...

— Vai, sim! repito-o...

— Tem certeza de que não se engana?

— Toda a certeza.

— E o conde de Vezay consente nesse casamento?...

— Não só consente, como até deseja ardentemente... O velho meneou a cabeça, e murmurou:

— E' impossivel!...

— Impossivel? repetiu Nicasio.

— Sim.

— E porque?

(Continúa no proximo numero.)